

Representações sobre a gênese da escrita em bate-papos virtuais

(Representations about the genesis of writing in webchats)

Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de São José do Rio Preto, FAPESP (processo 2008/01879-8)

vivivomeiro@yahoo.com.br

Abstract: In this paper, we search for graphical clues of prosody in webchats writing. We based on the conception of heterogeneous way of writing constitution (CORRÊA, 2004) and on the prosodic hierarchy theory (NESPOR & VOGEL, 1986) to note that writers do not use comma or other punctuation marks, but they “break lines” in the syntactic structures of sentences which can be correlated with boundaries of the two higher prosodic constituents: intonational phrase and phonological utterance.

Keywords: digital writing; heterogeneity; punctuation; prosody.

Resumo: Neste artigo, buscamos evidências gráficas da prosódia na escrita de enunciados em bate-papos virtuais. Partimos do conceito de modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004) e do modelo fonológico da hierarquia prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) para observar que, em vez de utilizarem vírgulas ou outros sinais de pontuação, os escreventes realizam “quebras de linha” em locais que podem ser correlacionados com as fronteiras dos dois mais altos constituintes prosódicos: frase entoacional e enunciado fonológico.

Palavras-chave: escrita digital; heterogeneidade; pontuação; prosódia.

Introdução

Já nos estudos de Sapir (1981), no início do século XX, é possível observar um interesse por parte dos estudiosos da linguagem em questões que relacionam a escrita e a fonologia de uma língua. Em outras palavras, podemos dizer que tal assunto não é recente e/ou inédito nos estudos linguísticos. Afastando-nos das concepções teóricas e metodológicas daquele autor e daquela época, e aproximando-nos do tema escrita/fonologia, buscamos neste trabalho abordar a escrita e algumas de suas possíveis relações com a teoria da fonologia prosódica. Detemo-nos, para tanto, na escrita digital de bate-papos da internet (ou *chats*) frequentados por crianças entre oito e doze anos de idade. Em oposição ao senso comum, o qual muitas vezes considera o chamado “internetês” – o português digitado na internet – como uma fala-escrita desregrada, procuramos problematizar regularidades encontradas no material de nossa pesquisa no âmbito da discussão proposta por Corrêa (2004) a propósito do *modo heterogêneo de constituição da escrita*. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos assumidos por esse autor, entendemos que a escrita, independentemente do suporte digital, relaciona-se constantemente com aspectos do *oral/falado*.

Nos enunciados extraídos de um “bate-papo” virtual, observamos em vários momentos que diferentes usuários da sala virtual pesquisada empregam o recurso de ausência total de vírgulas somada à quebra de linhas em locais em que vírgulas

poderiam ser inseridas (cf. LUIZ SOBRINHO, 2007). Esses locais de “quebra” parecem relacionar-se, sintaticamente, com os constituintes prosódicos mais elevados do modelo teórico de fonologia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) – frase entoacional (*I*) e enunciado fonológico (*U*), respectivamente – e podem ser indícios da relação entre prosódia e escrita.

Ao tomarmos a *heterogeneidade da escrita* para a análise dos dados digitais vamos contra a Teoria da Grande Divisa, segundo a qual a fala seria *contextualizada, implícita, redundante, não-planejada*, e se oporia à escrita, que seria *descontextualizada, explícita, condensada e planejada*.. Ao nos apoiarmos nas reflexões de Corrêa (2004), consideramos junto a esse autor que há uma indissociabilidade entre os fatos linguísticos e sociais:

os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas. [...] tal assunção é fundamental para que se possa questionar a delimitação do campo da escrita apenas pela constatação óbvia de um material específico – o gráfico – que lhe serve como base semiótica. (CORRÊA, 2004, p.02)

A escrita é entendida, a partir do exposto, como *processo*; exclui-se a idéia de “pureza”, pois ela sempre será constituída por aspectos considerados como pertencentes à oralidade/fala, independentemente de a situação de letramento/escrita ser considerada mais ou menos formal.

Em vários momentos, principalmente nos definidos como “quebras de linha”, observamos que os escreventes de bate-papo digital em aberto estabelecem, graficamente, uma correlação com a prosódia da fala, o que pode evidenciar a tentativa destes de representar uma suposta gênese da (sua) escrita. *A representação da gênese da escrita*, conforme propõe Corrêa (2004), é o primeiro eixo de apreensão do imaginário da escrita¹; refere-se, pois, “aos momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo da oralidade, situação em que tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal.” (CORRÊA, 2004, p.10).

Na próxima seção, procuramos explicitar os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam nossas reflexões sobre a relação que a prosódia pode manter com a escrita. Em seguida, apresentamos de forma sucinta o conjunto do material e analisamos dados do *corpus*. Tencionamos discutir o internetês e suas correlações com aspectos prosódicos, procurando conceber essa prática de escrita como *processo* e não como produto (acabado) que ou está certo, em acordo com regras normativas, ou está *errado*, pois em desacordo com tais regras.

Pontuação, ritmo da escrita e prosódia

Em trabalho anterior (LUIZ SOBRINHO, 2007) também sobre escrita digital, sistematizamos a ausência do recurso da vírgula no conjunto do material segundo duas regularidades: (i) vinculada à quebra de linhas em locais nos quais vírgulas poderiam

¹ Segundo Corrêa (2004), o imaginário social sobre a escrita é composto por três eixos, nos quais o escrevente circula, a saber: (i) pela representação da gênese da escrita; (ii) pela representação do código escrito institucionalizado; (iii) pela dialogia com o já falado/escrito. Os três eixos relacionam-se constantemente e refletem a dialogicidade da linguagem, não restrita à escrita.

ser inseridas e (ii) vinculada à ausência total de vírgula em enunciados somada à ausência de quebra de linhas em locais nos quais vírgulas deveriam ser inseridas a partir das regras normativas de pontuação. Apesar de as ocorrências categorizadas como (i) serem menos numerosas do que as em (ii), o que denominamos “quebra de linhas” parece ser motivado, em algum ponto, pela percepção e marcação de constituintes prosódicos na escrita. Essas “quebras” são efetuadas pelos escreventes em locais onde o sinal da vírgula poderia ser inserido para segmentar o enunciado no nível sintático, mas, ao invés, o usuário utiliza-se do envio de parte da mensagem pelo clicar no botão virtual de envio ou na tecla *enter*. Não acreditamos que esse recurso seja motivado por certa velocidade ao digitar, já que utilizar o ponto em questão tomaria praticamente o mesmo tempo e o esforço físico do escrevente seria equivalente.

Ao inferirmos as marcas de prosódia no gráfico, não podemos deixar de considerar os estudos de Chacon (1998) a respeito de um *ritmo da escrita*. Para esse autor, não apenas a fala, mas também a escrita tem um ritmo próprio que é demarcado por sinais da pontuação; estes, por sua vez, não precisam ser convencionais e/ou seguirem as regras da gramática normativa. Junto a Chacon, o espaço em branco encontrado nos dados de *chat*, os quais denominamos “quebra de linhas”, podem ser considerados uma maneira pela qual o usuário de bate-papo virtual tenta marcar uma leitura e um sentido do seu texto para o interlocutor, ou seja, o escrevente indica, pelo uso do espaço em branco que constitui o restante da linha do enunciado, um ritmo (e um sentido) para a sua escrita.

Ligada à expressão do escrevente e à espacialização da linguagem, a pontuação ocorre, segundo Chacon (1998), simultaneamente em várias dimensões da linguagem: (a) na *dimensão fônica*, associada a pausas, contornos entoacionais, intensidade e duração; (b) na *dimensão sintática*, associada à delimitação de unidades; (c) na *dimensão textual*, indicada como a responsável pela organização e coerência textual; (d) na *dimensão enunciativa*, ligada à expressividade do escrevente no código semiótico. Todas essas dimensões estão organizadas de forma não-isomórfica, unidas por meio da enunciação ao ritmo da escrita e, juntas, formam o *aspecto multidimensional da linguagem*.

Para Corrêa (2004), há uma prosódia presente na circulação do escrevente pela imagem que ele faz da gênese da escrita. Acreditamos que essa prosódia da escrita possa ser relacionada à reflexão que Chacon desenvolveu a respeito do conceito de *ritmo da escrita*. Nas palavras de Corrêa:

a prosódia só aparece na escrita por meio da articulação com outros planos, por exemplo, o próprio léxico ou [...] a sintaxe. Na maior parte das vezes, a leitura do texto escrito é feita pela imposição – em voz alta ou não – de uma prosódia. [...] a prosódia não é exclusiva dos enunciados falados por dois sentidos: por um lado, ela é, em geral, uma exigência da leitura e vem, em parte, assinalada pela pontuação; por outro, ela é recuperável [...] em diferentes pistas linguísticas que os escreventes deixam em seus enunciados escritos. Portanto, embora não seja passível de uma representação segmental, é, pela articulação com outras dimensões da linguagem, recuperável nos enunciados escritos. (CORRÊA, 2004, p.116)

Ao ler um texto dotamo-o de prosódia, de sentido, de ritmo. Porém, ritmo da escrita não é sinônimo de ritmo da oralidade. Fala e escrita são diferentes sistemas semióticos, mas, como ambos os modos de manifestação da língua não deixam de se

relacionar a todo instante, a prosódia e o ritmo próprios da fala também se inter-relacionam com a prosódia e o ritmo próprios da escrita. Há momentos em que o escrevente explicita no gráfico uma prosódia da fala e evidencia a imagem que ele faz da gênese de (sua) escrita e da relação que estabelece entre os aspectos do letramento/escrita e da oralidade/fala.

Parece-nos, pois, que o escrevente de bate-papo virtual, na “quebra de linhas”, correlaciona de forma mais precisa o ritmo próprio da escrita, conforme descrito por Chacon (1998), ao ritmo da fala, organizado fonologicamente em constituintes prosódicos. É como se, motivado pelo aspecto fônico, os contornos entoacionais guiassem a sintaxe de sua escrita. A nosso ver, a “quebra de linha” organiza de forma coerente a mensagem do escrevente naquele gênero discursivo emergente, dotando-a de uma expressividade própria naquele ambiente digital.

De nosso ponto de vista, a ênfase nas propriedades fonológicas se dá em detrimento das propriedades fonéticas, já que enfocamos as representações mentais subjacentes que os falantes têm dos sons e de sua organização; tais representações, por sua vez, não são idênticas às suas realizações físicas. Uma explicação pontual sobre essa diferença entre fonética e fonologia é encontrada em Hernandorena (1999, p.13), que observa “que a fonética apreende os sons efetivamente realizados pelos falantes da língua em toda a sua diversidade; a fonologia abstrai essa diversidade para captar o sistema que caracteriza a língua.”

Neste trabalho, contudo, não tratamos da fala fluente. Procuramos evidências gráficas da prosódia, a qual é entendida por nós em uma perspectiva não-linear. Gussenhoven e Jacobs (1998), ao discorrerem sobre diferentes modelos teóricos, explicam que a fonologia prosódica, a partir de um modelo teórico não-linear, é entendida como sendo composta por diferentes constituintes que se organizam em uma hierarquia e que mantêm relações entre si.

De acordo com o modelo proposto por Nespor e Vogel (1986), por exemplo, tais constituintes referem-se aos blocos de divisões da fala organizados hierarquicamente na representação mental dos falantes. Na perspectiva das autoras, a fonologia consiste em um grupo de subsistemas no qual a fonologia prosódica é um deles, governada por seus próprios princípios e em interação com os demais (a fonologia lexical, a fonologia autosegmental, a teoria da grade métrica etc.). Nessa concepção, a prosódia se relaciona com outros componentes gramaticais, como a morfologia, a sintaxe e a semântica, no entanto, os constituintes prosódicos não são, necessariamente, isomórficos a outros constituintes gramaticais. Como a fonologia é composta por unidades específicas, Nespor e Vogel propõem uma hierarquia prosódica constituída de sete unidades específicas, as quais, das maiores para as menores, são as seguintes: o enunciado fonológico (U), a frase entoacional (I), a frase fonológica (Φ), o grupo clítico (C), a palavra fonológica (ω), o pé (Σ) e a sílaba (σ), conforme exposto na figura 1:

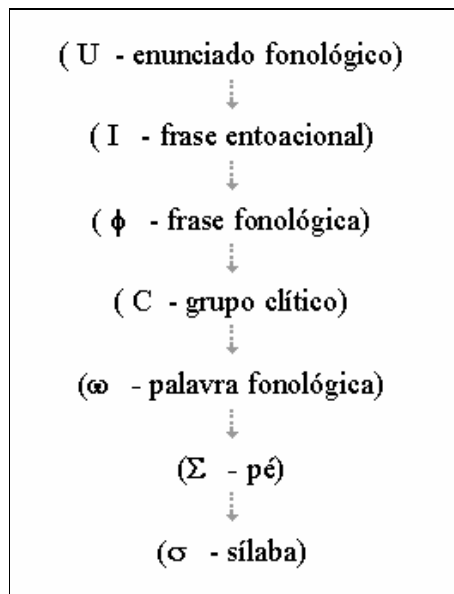


Figura 1. Hierarquia prosódica de Nespor & Vogel (1986)

Os princípios que regem a hierarquia determinam que cada camada da hierarquia seja formada por um ou mais constituintes da camada abaixo. Cada constituinte tem características que os constituem e os diferem dos demais. Como tratamos neste trabalho de enunciados, e a estrutura prosódica proposta por Nespor e Vogel reflete certas noções e relações sintáticas apenas no nível acima da palavra, não tratamos de forma mais específica dos dois últimos constituintes da hierarquia (pé e sílaba). No que se refere aos demais constituintes, podemos destacar que: *U* é composto por sentenças dirigidas a um mesmo interlocutor/ouvinte, sem pausas, e esse constituinte não precisa ser isomórfico a uma sentença sintática; *I* é a sentença principal, sem extraposições ou interrupções; suas separações não são guiadas, apenas, pela sintaxe e em muitas línguas, como em Português do Brasil, é demarcada pelo contorno entoacional; ϕ tem tendência a se corresponder com a frase sintática, apesar desta não ser a única informação relevante para a sua estrutura, a depender da língua, o contorno entoacional pode ser mais sensível para a delimitação da frase fonológica do que a informação sintática; *C* é composto por pronomes, conjunções, preposições e verbos auxiliares que somados a diferentes vocábulos podem formar um constituinte fonológico; ω pode nem sempre manter correspondência com as palavras morfológicas, em diferentes línguas se tem diferentes formas de critérios que definem uma palavra fonológica, como qualidade vocálica, acento, derivação e afixos.

Existem regras que regulam os domínios e as suas relações entre fronteiras – tal como os ajustes dados pela fronteira, os quais só se aplicam em locais nos quais ocorrem uma determinada fronteira, e os ajustes dados pelo contexto (ou *span*), no qual uma determinada regra se aplica toda vez que houver contexto. Uma das principais regras é a *Strict Layer Hypothesis* (ou SLH), formulada por Selkirk (1984) e incorporada nos trabalhos de Nespor & Vogel (1986). A SLH restringe os elementos prosódicos a um grupo bem definido de representações. Com base nesse princípio, um constituinte de camada *n* é imediatamente dominado pela próxima camada *n+1*. As regras pós-lexicais podem incidir e influenciar as regras fonológicas que se referem à

prosódia e, junto com a SLH, não têm a mesma influência sobre constituintes abaixo da palavra fonológica.

No que se refere ao nosso material de estudo, os resultados a que chegamos em pesquisa anterior parecem apontar para uma maior importância dos dois constituintes mais altos da hierarquia prosódica no uso não-convencional da vírgula em *chats*: além de informações fonológicas (como contornos entoacionais e pausas), *I* e *U* fazem uso de noções sintáticas mais gerais (como orações e partes de orações), bem como de informações semânticas (como ênfase, foco etc.). De forma mais específica, podemos dizer que a frase entoacional é formada por uma ou mais frases fonológicas e o que a caracteriza é um contorno entoacional próprio dessa unidade. Estamos de acordo com Nespor e Vogel (1986), para quem o fim de uma frase entoacional pode coincidir com locais em que pausas podem ser inseridas. Essa unidade também pode ocorrer, em construções especiais, que por si mesmas formam domínios entoacionais, como expressões parentéticas, orações relativas explicativas, perguntas fáticas ou de confirmação, vocativos, expressões que funcionam como interjeição e certos elementos móveis. O enunciado fonológico, como o constituinte mais alto da hierarquia prosódica, tem começo e fim coincidentes com fronteiras de sentenças. Em Nespor e Vogel (1986), esse constituinte se relaciona com as condições pragmáticas (há a necessidade de as sentenças que o compõem serem dirigidas a um mesmo interlocutor, por um mesmo falante) e fonológicas (as sentenças não podem ser extensas e não há pausas entre elas).

A partir da caracterização que Nespor e Vogel (1986) fazem da fonologia, buscaremos pistas da circulação dos escreventes de bate-papos virtuais por fatos que remetem à representação que fazem da gênese da (sua) escrita. Focalizaremos a vinculação que parece ser realizada pelo escrevente entre o gráfico e o oral, quando o usuário de *chat* parece imprimir um *ritmo* a sua escrita por meio da vinculação entre pontuação não-convencional e componente prosódico da língua.

A prosódia na escrita de bate-papos digitais

Nossa análise se concentra em um *corpus* formado por “conversas” *on-line* coletadas periodicamente durante o segundo semestre de 2006 no *Chat Terra*, na sala A, de tema *idades: de 08 a 12 anos*. A sala suporta um máximo de 40 usuários simultâneos, em ambiente síncrono. Nela, todos os participantes podem escrever para qualquer pessoa “presente”. Todas as mensagens enviadas aparecem na tela de todos os escreventes, pois nas salas destinadas a essa faixa-etária não há o recurso “reservado” – o qual, quando acionado, restringe a(s) mensagem(s) apenas ao escrevente e a seu destinatário. Para se comunicar com os demais, os usuários de *chat* precisam lançar mão dos recursos necessários, como teclado, *mouse*, navegador e a própria conexão com a internet, e contam com instrumentos próprios do sistema, como *emoticons* (“carinhas”) e a marcação do horário de envio de cada mensagem. Tais recursos e instrumentos permeiam a interação e podem motivar certas realizações linguísticas não-convencionais, como a ortografia e a pontuação.

Vejamos o seguinte enunciado:

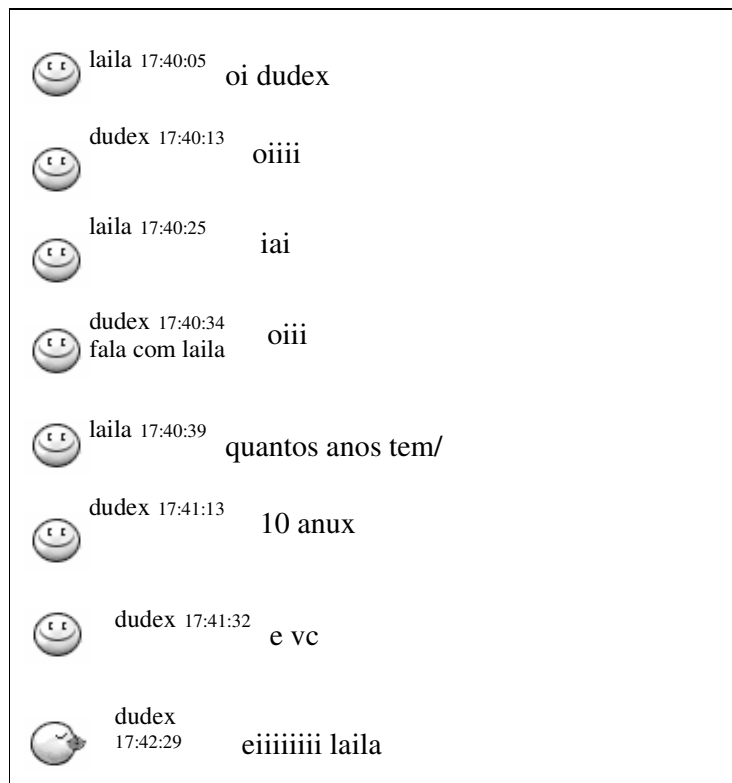


Figura 2. Diálogo entre Dudex e Laila

Após a última mensagem de *Dudex*, *Laila* “sai” da sala virtual. A usuária “volta” logo em seguida, mas não interage mais com *Dudex*. Caso o texto em questão fosse próximo ao que se tem como referência em escrita culta padrão, teríamos em *Laila* algo como: “*Oi Dudex. E aí, quantos anos tem?*”. Observamos que entre cada mensagem, são gastos aproximadamente 20 segundos, o que nos leva à hipótese de que o digitar, o tempo de envio e o suporte tecnológico, de uma forma geral, estão relacionados à formulação das partes da mensagem tanto quanto à interação *on-line* com o interlocutor. Se os enunciados produzidos por *Dudex* fossem reescritos, ter-se-iam: “*Oi, oi!*”, “*10 anos, e você?*”, “*Ei, Laila!*”.

Vemos tanto nos enunciados de *Laila*, como nos de *Dudex*, em “*Oi, oi!*” e “*10 anos, e vc?*”, que as “quebras de linha” apresentam organização sintática e, quando lidos em voz alta, podem apresentar curvas entoacionais e demais características do domínio da frase entoacional. A estrutura sintática corrobora essa análise na medida em que favorece a realização de um único contorno entoacional em cada mensagem. *Is* de um mesmo escrevente, separados por poucos segundos, parecem formar enunciados fonológicos – dois de *Dudex* e um de *Laila*:

- (01) a. *Laila*:
 [[Oi Dudex.]/ [E aí,]/ [quantos anos tem?]/]U
- b. *Dudex*:
 [[Oi,]/ [oi!]/]U
 [[10 anos,]/ [e você?]/]U

Na última mensagem da figura 2, *Dudex* procura chamar a atenção de *Laila* quando esta parece não interagir mais, “*Ei, Laila!*”, mensagem que, frente à análise em andamento, pode corresponder a um *U*, formado por um *I*. Como há um espaço de tempo relativamente grande, se comparado com os demais (quase um minuto), entre esse enunciado e o anterior, é reforçada nossa hipótese de que um maior tempo cronometrado pelo sistema no envio e recebimento das mensagens pode se relacionar a uma possível fronteira de *U* na escrita – por outro lado, um menor tempo se relaciona a *I*.

Com relação aos enunciados de *Laila*, devemos considerar que o primeiro *I* poderia compor, de maneira isolada, um *U*. Dado o caráter sincrônico do bate-papo virtual, as mensagens seguintes dessa escrevente podem ser consideradas uma resposta ao “*Oi*” de *Dudex* – se o interlocutor não houvesse interagido naquela circunstância, a conversa *on-line* poderia não ter sido estendida. Porém, entre o segundo e o último enunciado de *Laila* não ocorre o mesmo processo; o tempo entre o segundo “*oi*” de *Dudex* e a última mensagem de *Laila* é de apenas cinco segundos, que, de um ponto de vista prático, é insuficiente para a leitura, compreensão e resposta da escrevente a seu interlocutor. Com base nessa problematização, que provém de uma informação fornecida pelo suporte digital e se correlaciona a aspectos pragmáticos da enunciação, o diálogo entre *Laila* e *Dudex* poderia se estruturar da seguinte maneira, no que se refere aos constituintes prosódicos:

- (02) a'. *Laila*:
 [[Oi Dudex.]]I]U
 [[E aí,]]I [quantos anos tem?]]I]U
- b'. *Dudex*:
 [[Oi,]]I [oi!]]I]U
 [[10 anos,]]I [e você?]]I]U
 [[Ei, Laila!]]I]U

Também ligada a aspectos discursivos e semânticos, a “quebra de linhas” (em locais nos quais vírgulas poderiam ser inseridas), somada à ausência total de pontuação ao final das sentenças e ao tempo de envio/recebimento marcado pelo sistema, são entendidas por nós como evidências de fronteiras prosódicas. Na figura 2, os escreventes parecem segmentar seus enunciados a partir de aspectos prosódicos e, com isso, evidenciam a imagem que fazem da gênese de (sua) escrita ao correlacionarem o fônico com o ritmo da escrita.

Em outro exemplo, com outros escreventes, observamos um movimento parecido, no que se refere ao que denominamos “quebra de linhas” em locais nos quais vírgulas poderiam ser inseridas. Ao iniciar um diálogo com *Henrique* e ter perguntada a sua idade, *Menina dos olhos* responde:







	Menina dos olhos 16:47:32 fala com Henrique	tenho 12
	Menina dos olhos 16:47:44	quer tc?
	Henrique 16:47:47 fala com Menina dos olhos	como vc e
	Menina dos olhos 16:48:19	branca olhos verdes cabelos pretos 145al uns 42kg
	Menina dos olhos 16:48:23	e vc?
	Henrique 16:49:04	vc e linda

Figura 3. Diálogo entre Henrique e Menina dos olhos

Em uma escrita próxima ao que se tem como padrão, teríamos o seguinte diálogo: *Menina dos olhos*: “Tenho 12, quer teclar?”. *Henrique*: “Como você é?”. *Menina dos olhos*: “Branca, olhos verdes, cabelos pretos, 1,45 de altura, uns 42 quilos, e você?”, e *Henrique*: “Você é linda!”.

A ausência dos sinais de pontuação em 3 é notável. Contudo, ao segmentar em linhas diferentes “tenho 12” e “quer tc?”, assim como “branca olhos verdes cabelos pretos 145al uns 42kg” e “e vc?”, *Menina dos olhos* pontua seu enunciado pelo vazio e/ou espaço em branco que constitui a “quebra”. Em um aspecto multidimensional, a “quebra de linhas” imprime ao texto movimento e marca relações sintáticas, prosódicas e discursivas na produção escrita. Nas quatro mensagens enviadas pela escrevente, as (duas) mudanças de linha – o que transforma dois enunciados em quatro mensagens – procuram fazer com que o leitor (o interlocutor na interação social) identifique de maneira inequívoca as qualidades da escrevente (12 anos, cabelos pretos, 1,45 de altura, aproximadamente 42 quilos). Ao mesmo tempo, por meio de perguntas (*quer teclar?! e você?*), a escrevente procura garantir a participação do interlocutor e a manutenção do diálogo, mediante a projeção da imagem de uma pessoa atenciosa.

Tais “quebras” podem estar relacionadas, no que se refere à prosódia, a fronteiras de *I* e de *U* grafadas pela escrevente – na constante interação entre aspectos orais/falados e letrados/escritos que podem ser conferidos na escrita (na internet e fora dela). Frente à análise que empreendemos, ao levarmos em consideração o tempo de envio para a definição das unidades prosódicas no bate-papo digital, devemos considerar que as duas primeiras mensagens de *Menina dos olhos*, separadas por 12 segundos de diferenças, são, cada uma, um *I*, sendo que ambas compõem um único *U*:

(03) [[Tenho 12 ,]I [quer teclar?)]U

Já a terceira e a quarta mensagem da mesma escrevente, com apenas quatro segundos de diferença, parecem compor um *U*. No entanto, diferentemente da análise em (03), esse *U* seria composto por seis *Is*, cinco *Is* da terceira mensagem e um *I* da última:

(04) [[Branca,]I [olhos verdes,]I [cabelos pretos,]I [1,45 de altura,]I [uns 42 quilos,]I [e você?]]I]U

O que, sintaticamente, se refere a uma enumeração – apesar de não ser marcada pelo uso de vírgulas, ou por outros sinais de pontuação, ou ainda por qualquer outro recurso gráfico – constitui contornos entoacionais próprios e pode ser analisado como diferentes *Is*. O dado, ao não ser segmentado pela escrevente em diferentes linhas de acordo com os *Is* que o compõem, reforça a hipótese de que as informações prosódicas interagem com as informações semântico-discursivas na pontuação não-convencional de *chats*: *Menina dos olhos* elabora uma “quebra de linha” ao terminar de falar sobre si e interrogar *Henrique*, em um local “dentro” de *U* que “coincide” com uma fronteira de *I*.

Analisamos, ainda, um último exemplo:

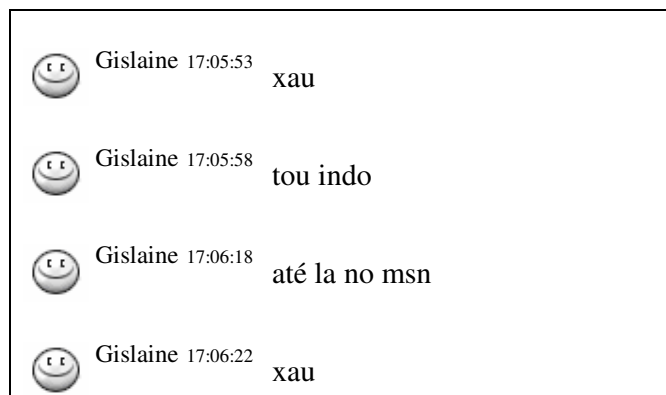


Figura 4. Enunciados de Gislaine

Ao se despedir, *Gislaine* “diz” de forma genérica a todos os “presentes” na sala virtual: “*Tchau, estou indo!*”, “*Até lá no ‘Messenger’, tchau!*”. Propomos essa forma como convencional, para o que havia sido escrito pela escrevente, levando em conta o tempo cronometrado pelo sistema do provedor em cada mensagem – assim como o fizemos nos primeiros dois diálogos. Entre o primeiro “*tchau*” e o turno seguinte – “*estou indo*” –, passam cinco segundos; já entre este e o terceiro – “*até lá no msn*” –, há um intervalo de vinte segundos. Entre esta mensagem e o último “*tchau*” de *Gislaine* o sistema registra quatro segundos. Frente às hipóteses que estamos desenvolvendo, observamos que há uma proximidade no tempo gasto entre as duas primeiras mensagens e as duas últimas. Apesar de haver apenas 20 segundos de diferença entre a segunda e a terceira mensagem, esse tempo, em relação com o exposto, é de quatro a cinco vezes maior que o gasto entre as outras mensagens de *Gislaine*. Para nós, o tempo cronometrado na conversa não é uma informação acessória, ele guia a leitura e a construção de sentidos pelos participantes “fluentes” em bate-papos virtuais. Logo, o maior intervalo de tempo registrado pelo sistema na escrita de *Gislaine* seria uma evidência, fornecida pelo suporte tecnológico, de fronteira de *U*. Nas outras duas “quebras de linha” teríamos, pois, a segmentação de *Us* pelos *Is* que os compõem.

Gislaine parece segmentar as sentenças dos enunciados a partir dos contornos característicos que definem um *I* e também pelas fronteiras de *U*:

- (05) [[Tchau,]I [estou indo!]I]U
[[Até lá no *Messenger*,]I [tchau!]I]U

Os textos das figuras 2, 3 e 4 evidenciam marcas prosódicas na escrita dos usuários de bate-papo virtual. Apesar da grande ausência de sinais de pontuação, as “quebras de linha” organizam sintaticamente as mensagens e, junto com o tempo de intervalo cronometrado entre elas, sinalizam um ritmo para o leitor – ritmo que se entrelaça com aspectos fônicos e aponta para a *heterogeneidade constitutiva da escrita* (digital).

Considerações finais

Nos exemplos analisados, vimos que a segmentação gráfica e o tempo de intervalo entre as mensagens podem levar o pesquisador, quando embasado por teorias fonológicas, a correlacionar tais “quebras de linha” aos domínios mais altos da hierarquia prosódica, relativos à frase entoacional e ao enunciado fonológico. De uma forma geral, percebemos certa regularidade nas “quebras” relacionadas a vírgulas: os escreventes parecem se guiar pelas características prosódicas de *I* para segmentarem seus enunciados; nesses casos, cada mensagem se relaciona a um *I*, as quais, quando lidas, podem formar o maior constituinte da hierarquia prosódica, *U*.

Ao invés de ser uma informação acessória na sala de bate-papo virtual, o tempo de envio das mensagens fornecido pelo sistema é importante na medida em que permeia a interação entre os escreventes e o entendimento dos textos que compõem os diálogos. A hora, os minutos e os segundos cronometrados mostram certo modo de pontuar a escrita no bate-papo virtual, por meio de um ritmo. Percebemos que o tempo cronometrado pelo sistema – entre *Is* de um mesmo *U* – irá variar (quanto ao espaço de segundos) conforme o escrevente, talvez porque esteja ligado ao tempo de digitar próprio de cada escrevente e a uma agilidade que pode ser relacionada à participação do sujeito em práticas letradas digitais. Podemos observar que os recursos não convencionais de pontuação – como “quebras” e marcação do tempo – têm importância frente à grande ausência dos sinais (convencionais) de pontuação na interação em *chats*.

Acreditamos que estudos sobre a relação entre aspectos orais/falados e letrados/escrita em textos de *chat*, como este, não devem remeter a uma visão simplista que resume a escrita digital à transcrição da fala coloquial, supostamente desordenada. As regularidades, como as verificadas neste artigo, mostram a escrita enquanto *processo*, que se difere do ideal de pureza que é conferido, muitas vezes, à escrita por instituições como a escola e a mídia. “Conversar” na rede implica, pois, uma forma de ler, de interagir (com o linguístico e o não linguístico em *chats*) e de projetar imagens a respeito da escrita na chamada era digital.

Agradecimentos

Às professoras Fabiana Komesu e Luciani Tenani pela leitura atenta e pelas sugestões no desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHACON, L. *Ritmo da Escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 295 p.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 309 p.

GUSSENHOVEN, C. & JACOBS, H. Phonology above the word. In: _____. *Understanding Phonology*. London: Arnold, 1998. p.239-255.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2ª ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 11-79, 1999.

LUIZ SOBRINHO, V. V. *A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet*, 2007. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Inst. de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto/SP.

NESPOR, M. & Vogel, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986. 327 p.

SAPIR, E. A realidade psicológica dos fonemas. In: DASCAL, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da linguística: fonologia e sintaxe*. Campinas, 1981. p. 37-55.

SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax, the relation between sound and structure*. Cambridge: CUP, 1984. 476 p.